

---

## Memórias LGBTI+ em Cuiabá e Várzea Grande nos anos 1980: Condições de emergência de um movimento social organizado<sup>1</sup>

Marcos Vinicius Fagundes SALESSE<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Yuji GUSHIKEN<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### RESUMO

As condições de emergência discursiva relacionada à identidade LGBTQI+ em Cuiabá e Várzea Grande, em Mato Grosso, evidenciam-se num contexto de produção de socialidade intimamente relacionada às práticas iniciais de ativismo deste grupo social ainda na década de 1980, período em que se registra abertura política e chegada ao Brasil da pandemia de HIV-Aids. No modelo de estudos da comunicação como cultura, em perspectiva interdisciplinar, anotam-se memórias da comunidade LGBTQI+ em um rarefeito registro jornalístico nos anos 80 e na atualização dessa memória em 2022 em forma de novas entrevistas. Recorre-se à metodologia da história oral, com o objetivo de se compreender as relações entre socialidade e modos de organização política da comunidade LGBTQI+ na Grande Cuiabá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Memória; História Oral; Jornalismo; LGBTI+.

### 1. INTRODUÇÃO

Pensar a emergência e a atualização do Movimento LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Interssexo e outras identidades sexuais e de gênero) no Brasil não é uma tarefa fácil, já que estamos lidando com uma construção de memória por vezes invisibilizada em meio a um espectro de narrativas hegemônicas do país, o que inclui a historiografia recorrente. Diante disso, inúmeras narrativas e pedaços da trajetória de luta de todo um grupo acabam se perdendo no tempo e lidando diretamente com a falta de produção de seus espaços simbólicos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT), Linha de Pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais. Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq), e-mail: [marcosfsalesse@gmail.com](mailto:marcosfsalesse@gmail.com).

<sup>3</sup> Docente do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq), e-mail: [yuji.gushiken@ufmt.br](mailto:yuji.gushiken@ufmt.br).

---

Nesse movimento carecem registros, espaços de circulação de informação e apoio para que produções que dialoguem com essa retomada possam ecoar. A consequência disso, além da negação do direito à memória, está na privação do acesso à dignidade e reconhecimento das dores, saberes e amores dessa população.

Dado este cenário, os escritos de Silva (2012) apontam a compreensão de que ao observarmos o espaço da história oficial percebemos que corpos que fogem de uma *heterocisnormatividade*<sup>4</sup> seguem distantes de um local de protagonismo. Para o autor, tais identidades são inseridas "como atores secundários que desviavam, distorciam ou mesmo maculam a história e a memória oficial da humanidade heterossexualmente orientada" (SILVA, p. 82, 2012).

Ecoam então questionamentos que rompem não só as barreiras do tempo, como também as fronteiras regionais, que criam uma hierarquização de saberes e priorizam narrativas localizadas nas regiões metropolitanas brasileiras. Em um país com dimensões continentais, é imprescindível uma discussão ampla e descentralizada sobre as narrativas plurais que constituem a história do movimento LGBTI+ no Brasil.

Tendo estas afirmações como ponto de partida, criam-se então espaços para a construção de uma contramemória (SILVA, 2012), narrada e mediada por pessoas LGBTI+. É a partir dela que se pode questionar e reivindicar as condições de emergência do movimento LGBTI+ e em que condições históricas e comunicacionais ele se torna rarefeito ou se espraia em Cuiabá e Várzea Grande.

Munido destes questionamentos iniciais, o presente trabalho tem o objetivo de traçar possíveis respostas a estes questionamentos. Para isso, utiliza-se aqui reflexão sobre o papel do Jornalismo na construção da memória da socialidade e do ativismo LGBTI+ e a oralidade enquanto ferramenta metodológica de atualização da memória.

## **2. QUESTÕES METODOLÓGICAS: 'PELO DIREITO DE SER O QUE SE QUER'**

Para começar a responder tais perguntas, foi preciso partir para uma delimitação espacial e temporal, utilizada neste trabalho como estratégia metodológica para viabilizar

---

<sup>4</sup> Compreende-se a 'heterocisnormatividade' enquanto a união de padrões socialmente estabelecidos, em que corpos cisgêneros, heterossexuais e brancos ocupam um espaço de normalidade. Além disso, esta norma também se traduz em 'régua' que aprisiona e marginaliza pessoas com expressões dissidentes.

---

as ações de pesquisa. A investigação se debruça nos anos 1980, numa delimitação espacial localizada entre Cuiabá e Várzea Grande, que vivenciavam neste período o impacto da separação do estado de Mato Grosso com a criação do estado de Mato Grosso do Sul e uma crescente do ponto de vista do fluxo migratório.

Ademais, esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2009) e, partindo do campo comunicacional e no campo de estudos de cultura contemporânea, caracteriza-se pela natureza de pesquisa aplicada, adotando o modelo de estudos da comunicação como cultura (LIMA, 2001). Nesse modelo de estudos, comunicação é definida em dois aspectos: como *sistema de significação*, em que a ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada, e como *processo simbólico*, em que a realidade é produzida, mantida, restaurada e transformada.

A visão de sociedade que buscamos endossar é de comunidade, na medida em que se reporta a questões simbólicas de um grupo social específico (população ou público LBGTQI+), mas ao mesmo tempo o insere enquanto trabalhadores, sustentando, portanto, a visão ampla de classe social. Dentro disso, estão seus conflitos econômicos, além dos embates simbólicos como caracterização e dinâmica dos processos culturais e comunicacionais.

A categoria de análise primordial é a memória LBGTI+ na perspectiva da socialidade e do ativismo, em duas instâncias: na representação jornalística, através de uma matéria no *Jornal do Dia*, de 1985, então publicado em Cuiabá, e na atualização dessa memória no depoimento de uma das fontes daquela reportagem da década de 1980, atualizada em entrevista para esta pesquisa no ano de 2022.

Neste aspecto, as disciplinas de apoio, no procedimento interdisciplinar, encontram-se na Grande Área de Ciências Sociais e Humanas e na Filosofia. De modo específico, recorreremos à categoria de memória/memória coletiva, em suas dinâmicas individuais e coletivas, presentes nas obras do filósofo Henri Bergson (1999) e na sociologia de Maurice Halbwachs (1990).

A socialidade, relacionada à eficácia do banal, do lúdico e do imaginário (MAFFESOLI, 1996), torna-se condição de emergência de práticas do ativismo político (CASTELLS, 2018), relacionadas à identidade da comunidade LBGTI+ na grande Cuiabá da década de 1980. A pesquisa, na medida, em que considera o princípio de agrupamento de discurso (FOUCAULT, 1996), relacionado à identidade LBGTQI+ em Cuiabá e

---

Várzea Grande, ampara-se também nos recursos metodológicos da história oral, por meio da obra de Michel Trebitsch (1994).

Trata-se, neste conjunto de procedimentos, de partir de uma análise histórico-crítica a respeito da representação, invariavelmente negativa, da população LGBTI+ no pensamento jornalístico, mas ao mesmo tempo considerando a potencialidade de registros positivos, abertos à diferença e às transformações que ela própria opera nos modos de se pensar e produzir a prática jornalística nos dias de hoje.

A escolha pelo contexto histórico da década de 1980 se dá por sua relevância política e social para o movimento LGBTI+ no Brasil e no mundo. Em terras brasileiras, a década foi marcada pelo fim da Ditadura Militar e início do processo de redemocratização, que coincidiu com chegada da pandemia do vírus HIV, intitulado na época como "a peste gay".

A escolha pela delimitação local tem por objetivo descentralizar o olhar e contribuir com o debate sobre a emergência e desenvolvimento dos movimentos sociais LGBTI+ no Centro-Oeste do país, em especial somar-se aos esforços de pesquisadores que escreveram os primeiros, e ainda emergentes, trabalhos acadêmicos sobre o tema relacionado ao espaço mato-grossense.

Como exemplo é possível citar os trabalhos de "O movimento LGBT da Baixada Cuiabana e a segmentação de identidades. Algumas questões para reflexão e debate", de Moisés Lopes (2014), da monografia de especialização "Narrativas da (in)diferença: um estudo sobre as políticas de segurança pública no Estado de Mato Grosso", de Bruna Irineu (2008), e também da monografia de mestrado "O Movimento LGBT em Mato Grosso: Trajetória, agenda e estratégias na luta por direitos", de Suzi Mayara da Costa Freire (2014).

Ainda que resistentes, são poucos os trabalhos de pesquisa que buscam dialogar sobre questões relacionadas aos corpos desviantes de uma *heterocisnorma* no estado de Mato Grosso.

Este cenário é visto em um levantamento feito no Repositório Institucional da Universidade Federal de Mato Grosso (RI-UFMT), por meio de uma busca com a palavra-chave "LGBT". Entre 2010 e 2021, apenas dez trabalhos foram encontrados, sendo seis com o tema enquanto ponto principal de discussão.

---

É válido destacar que existe uma falta de atualização desta plataforma, o que dificulta a busca por outros trabalhos. Apesar disso, nenhum dos trabalhos, ainda que válidos e de extrema importância para o avanço do debate, dialogam sobre o movimento em décadas anteriores aos anos 1990, década descrita como o marco inicial dos movimentos políticos LGBTI+ no estado.

Diante dessa falta de documentos que dialoguem sobre a história desta população em décadas anteriores, partimos, ainda na fase exploratória da pesquisa, para uma busca por pistas nos jornais impressos que circulavam em Cuiabá naquele período, com ênfase no *Jornal do Dia*. Ao todo, foram aproximadamente 38 edições recolhidas junto ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, por meio da Hemeroteca Digital<sup>5</sup>, e analisadas em busca de nomes, datas e vestígios de pessoas que de alguma forma atuaram no que hoje compreendemos como movimento LGBTI+.

A busca pelo tema entre as edições aconteceu a partir da definição de cinco palavras-chave: “homossexual”, “travesti”, “transexual”, “gay”, “lésbica”. Nos diferentes materiais jornalísticos encontrados observa-se uma predominância de textos nas editoriais policiais e colunas críticas, inserido esta população em posição de sátira ou desdém.

Nesse cenário, uma das reportagens destoa de todas as outras, por registrar no texto jornalístico o que pode ser considerado a emergência de um movimento organizado ainda na década de 1980. Escrita e assinada pelo jornalista Rubens de Araújo e publicada em 15 de novembro de 1985, a matéria "Pelo direito de ser o que se quer"<sup>6</sup> apresenta o que seriam, como inferimos, os indícios da primeira associação para homossexuais de Mato Grosso, descrita por Araújo (1985) como a 'Agaymat'.

No material jornalístico, três entrevistados são apresentados como fontes. São elas: Rose Cruzei, identificada enquanto uma profissional do sexo, que segundo o repórter, ocupava as ruas do Zero Quilômetro (região de prostituição de mulheres cisgênero e transgênero no município de Várzea Grande); Zacarias Costa, jornalista, ativista e líder da Associação para os Gays de Mato Grosso (Agaymat); e Nivaldo Lopes, apontado como psicólogo e membro da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor de Mato Grosso (Febemat).

---

<sup>5</sup> Principal plataforma online de hospedagem de documentos públicos, organizada pelo Arquivo Nacional e alimentada pelo Arquivo Público de Mato Grosso.

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1UVfhJ9mPsEHsv-vJEsk26q5SrSCjACE3/view?usp=sharing>

---

Partindo da matéria publicada no *Jornal do Dia*, observa-se a relevância simbólica do ponto de vista narrativo e histórico com que a prática jornalística pode acionar a produção de sentidos ao abrir a pauta para uma escuta abrangente e diversa. Pode-se então identificar esta reportagem enquanto um espaço jornalístico propício para armazenar uma espécie de memória social (CRUZ, 2014, p. 8).

Com um espaço dedicado exclusivamente para a descrição da Associação, o texto abre caminhos para narrar e registrar ainda na década de 1980 o que, em nossa hipótese de trabalho, pode ser considerado a condição de emergência do que anos depois se atualizou como a organização, de modo mais coeso e visível, do movimento organizado em Mato Grosso.

Em diálogo com a perspectiva jornalística de Moraes (2015), observamos então o papel da prática jornalística enquanto um meio para atualizar memórias e tecer um movimento de retomada. “A memória atualiza o passado, de modo que o que se diz hoje é sempre referido ao tempo presente, à maneira pela qual a pessoa compreende o mundo e a si mesma hoje.” (MORAES, 2015, p. 112).

Com este movimento, produzimos não só um jornalismo comprometido com a memória social, como também disposto a criar fissuras em noções cristalizadas por meio do olhar para as subjetividades. “Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida — o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções.” (MORAES, 2015, p. 109).

Sendo assim, para que este movimento de atualização da memória fosse possível utiliza-se neste trabalho ainda o recurso de entrevista em profundidade, a partir de um roteiro semi-estruturado, para dialogar diretamente com Zacarias Costa, citado no impresso como fundador da Agaymat.

A escolha por este método de entrevista se dá justamente nos moldes do que defende Duarte e Barros (2011) ao pontuar este modelo de condução enquanto mais flexível e ampliado na hora de trinchar os temas que perpassam os problemas da pesquisa. “Cada questão é aprofundada a partir da resposta, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas” (DUARTE, BARROS, 2011, p. 66).

### **3. MEMÓRIA COLETIVA ATUALIZADA PELO TEMPO**

---

Para uma conceituação teórica do que se compreende enquanto memória neste trabalho, é preciso se aproximar dos escritos de Bergson (1999) e Halbwachs (1990). Ambos buscam dialogar não apenas sobre a formação do conceito de memória, mas como ela interage com a construção das identidades de grupos e coletivos.

A começar por Bergson (1999), um dos pontos essenciais para a compreensão deste conceito é que a memória não é fixa e representativa de um momento histórico. Isso quer dizer que todas as nossas lembranças partem de uma atualização, à medida com que são acionadas em um tempo presente.

Com isso, o filósofo francês afirma que cada uma dessas retomadas toca em um instante de utilidade, dando prevalência às imagens que possam colaborar para uma compreensão do passado a partir do que se vê no presente (BERGSON, 1999).

Ao tecer linhas de diálogo com a memória, é possível compreender que o ato de lembrar está em constante movimento entre o interno e o externo. Para Bergson (1999), o que faz a mediação entre esses dois campos é justamente o corpo, entendido não como uma figura unicamente de armazenamento de lembranças.

Para o filósofo, é o corpo que vai traçar os caminhos para que a memória possa sair em dialogar com o tempo presente: "O papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente" (BERGSON, 1999, p. 209).

A partir do debate empreendido pelo filósofo, compreende-se então que, ao aceitar ser entrevistado para a esta pesquisa, Zacarias Costa, o entrevistado na reportagem do *Jornal do Dia*, de 1985, se dispõe a atualizar suas memórias. E para que isso ocorra há a necessidade de que nossos corpos, meu enquanto pesquisador, e dele enquanto fonte, dialoguem a partir de um recorte em comum: a sexualidade dissidente.

Seguindo por este caminho, encontramos a definição de memória descrita por Halbwachs (1990). Para o sociólogo, as lembranças se materializam no processo de reconstrução de um passado vivido, a partir de um compartilhamento em grupo.

Metodologicamente, uma aproximação a definição é imprescindível para compreender que grande parte das memórias narradas partem da partilha em grupo, seja por meio de uma Associação, como a Agaymat, ou de outros movimentos de ativismo e sociabilidade.

---

A partir disso, Halbwachs (1990) assinala que a experiência vivida em grupo atua como elemento fundante até mesmo na construção de memórias individuais. "Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós" (HALBWACHS, 1990, p. 21).

Outro ponto de debate importante na construção deste trabalho de pesquisa está na relação entre pesquisador e recorte temporal. Para isso, introduz-se a noção de memória histórica também descrita por Halbwachs (1990):

Ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. Muitas vezes não os conheço melhor, nem de outro modo, do que os acontecimentos antigos que ocorreram antes de meu nascimento. Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. (HALBWACHS, 1990, p. 51)

Diante dessa relação de empréstimo de memórias, estabelece então um cenário favorável para que as lembranças possam se ligar a partir dos relatos e juntas construir um registro até então inexistente.

Com a relação de memória definida a partir das reflexões empreendidas por Bergson (1999) e Halbwachs (1990), partimos para o segundo elemento que possibilita a retomada de uma história sem registro, a história oral.

#### **4. HISTÓRIA ORAL COMO ELEMENTO EMANCIPATÓRIO**

Em 1984, Caetano Veloso lançou seu décimo sexto álbum de estúdio pela Philips Records, o "Velô". Nele está presente uma de suas canções de maior sucesso da sua carreira, a faixa "Língua", interpretada também por Elza Soares. Embalado pelo sentimento de rompimento característico deste período, o artista questiona em uma das estrofes: "O que quer? O que pode essa língua?".

A partir dessa referência lírica, nos aproximamos do que verdadeiramente quer e pode essa língua: a possibilidade de verbalizar suas memórias. E para que isso ocorra, buscamos compreender a oralidade enquanto a possibilidade de "preencher as lacunas dos



---

documentos escritos e até mesmo construir arquivos de mesma natureza” (TREBITSCH, 1994, p. 21).

Como já descrito em linhas anteriores, quando abordamos a história do movimento LGBTI+, em especial na perspectiva descentralizada, tratamos de narrativas não registradas em arquivos oficiais. Com isso, nos aproximamos deste conceito para alcançar relatos que não estão documentados, pouco ocupam os jornais e estão distantes das ferramentas dispostas no campo da história e dos estudos em comunicação.

Em diálogo com esta definição, encara-se a História Oral enquanto uma contra-história, ou seja, “operando uma inversão historiográfica radical, tanto do ponto de vista dos objetos como dos métodos” (TREBITSCH, 1994, p. 23).

Ao observar os escritos de Trebitsch (1994), entendemos que aquele que ocupa o espaço da escrita e da construção de documentos exerce um poder de controle frente a quem está fora dos meios destes mesmos meios. Dessa forma, toda a compreensão de memória permanece restrita aos que possuem a hegemonia narrativa.

Este debate também está descrito na obra “A Queda do Céu”, onde o xamã Yanomami, Davi Kopenawa, reflete sobre a relação do homem branco e suas *peles de papel*<sup>7</sup>:

Os brancos, ao contrário, não param de fixar seu olhar sobre os desenhos de suas falas colados em peles de papel e de fazê-los circular entre eles. Desse modo, estudam apenas seu próprio pensamento e, assim, só conhecem o que já está dentro deles mesmos. Mas suas peles de papel não falam nem pensam. Só ficam ali, inertes, com seus desenhos negros e suas mentiras. (KOPENAWA, 2015, p. 455)

Ao discutir a relação do homem branco com as *peles de papel*, o xamã reafirma o papel excludente e de controle que faz com que quem detém o direito à escrita e à documentação possa falar e refletir apenas sobre si e seus semelhantes. Este processo também está ligado a uma série de rituais “que define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam” (FOUCAULT, 1970, p. 36-37).

Nessa perspectiva, é possível também nos aproximar dos escritos de Foucault (1970), ao definir um dos grupos de procedimento que permitem o controle discursivo. Neste processo, criam-se rituais para determinar que “ninguém entrará na ordem do

---

<sup>7</sup> O termo “pele de papel” é utilizado pelo povo Yanomami para denominar não só o papel como objeto, mas toda a forma de escrita e organização utilizada pelo homem branco para documentar e transmitir informação.

---

discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis" (FOUCAULT, 1970, p. 37).

Diante deste contexto apresentado pelo filósofo francês, que fundamenta não só a construção de conhecimento, como também as noções de registro histórico, a História Oral surge como uma ação de devolução da palavra a grupos oprimidos na busca pela reconquista de identidade (TREBITSCH, 1994).

Este movimento inclusive está diretamente vinculado com o contexto sul-americano onde “se abre para uma História Oral essencialmente militante e até mesmo anticolonial” (TREBITSCH, 1994, p. 38).

Afinal, o que quer essa língua se não a possibilidade de tecer suas próprias narrativas, a partir de suas vivências e em conjunto as experiências de todo um coletivo. E o que pode essa língua se não escrever na história que as suas vivências também serviram para o avançar contra os interditos e as barreiras que calaram vozes e apagaram memórias.

## 5. UMA VOZ ECOA A AGAYMAT (SOCIALIDADE E ATIVISMO)

Munido dos elementos teóricos e que fundamentam as ações práticas deste trabalho de pesquisa, partimos então para o debate sobre o resultado da entrevista realizada com Zacarias Costa, nome apontado na reportagem do *Jornal do Dia* como fundador da primeira Associação para Homossexuais em Mato Grosso (Agaymat).

É importante ressaltar que o encontro com Zacarias se deu de forma presencial, durante o mês de setembro de 2021. Toda a entrevista foi realizada seguindo rigorosamente os protocolos de biossegurança, como uso de máscara, distanciamento de dois metros em local aberto e arejado, além das determinações éticas de pesquisa.

Após um contato prévio e o aceite, a entrevista ocorreu no quintal da casa onde ele atualmente reside na cidade de Várzea Grande.

Nascido em Bragança, cidade do interior do Pará, ainda com 15 anos Zacarias se juntou a outros amigos e partiu para o Rio de Janeiro com o objetivo de encontrar a liberdade que não tinha na casa dos pais. Já em meados de 1980, formado em Jornalismo e atuante nos movimentos LGBTI+ espelhados pelo país, Zacarias desembarcou em

---

Cuiabá e se somou aos mais de 217 mil<sup>8</sup> pessoas que migraram para a capital de Mato Grosso na década de 1980.

Com a entrevista foi possível traçar um panorama histórico, aqui recortado e separado em duas categorias principais, sendo elas: socialidade e ativismo.

### **5.1 Condições de organização política do movimento (Socialidade e Ativismo)**

Ao tratar das relações de amizade e sociabilidade estabelecidas em território cuiabano e várzea-grandense durante os anos 1980, o jornalista rememora uma palavra considerada relevante naquele período: criatividade. Naquela década, os locais públicos assumidamente dirigidos a públicos homossexuais era raros ou existiam de modo muito discreto na Grande Cuiabá, fosse pela presença de um mercado consumidor que justificasse um nicho ou a produção de um espaço político de vida social. Diante da falta de locais que pudessem abraçar expressões de gênero e sexualidade, relacionadas ao homoerotismo, era comum, segundo Zacarias, entre a comunidade LGBTI+ naquela década, a realização de shows privados na casa de amigos ou encontros em bares frequentados por outros públicos.

No início não tinha muitos lugares para ir. Se você quisesse sair tinha que fabricar o lugar para ir, infiltrado com todo mundo. Não tinha um lugar específico do movimento. A gente tinha que ser sociável, saber os seus limites. Tinha que se segurar bastante. (COSTA, 2021)

Diante dos limites e dificuldades para encontrar espaços de sociabilidade, nasciam movimentos criados coletivamente para encontrar meios que pudessem unir o interesse de todos. Dentre esses interesses, existiam pessoas que buscavam apenas experienciar sua sexualidade, outras o reconhecimento de suas identidades e também aqueles que habitavam a penumbra para não serem vistos e/ou reconhecidos enquanto frequentadores dos espaços.

Com esses movimentos, os grupos conseguiram materializar diferentes espaços onde pudessem dar vazão a uma sociabilidade descrita enquanto frenética. “O próprio

---

<sup>8</sup> Número apontado na série histórica do Censo Demográfico, organizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

---

movimento organizava esses espaços. Para fazer os bailes, a gente até que tinha apoio, pouco, mas tinha” (COSTA, 2021).

Nessa mesma dimensão, existam também os bailes de Miss Gay, considerado um dos mais importantes pontos de encontro e afirmação das diferentes performances de gênero e sexualidade que ecoavam naquele período. Em tom competitivo dos bailes, faziam com que seus participantes criassem caricaturas, por vezes irônicas e debochadas, dos obstáculos de ser uma pessoa LGBTI+ em Cuiabá e Várzea Grande.

Assim como descreve Costa (2021), ao utilizar vestidos extravagantes e maquiagens criativas, criava-se um clima que se assemelhava a um estereótipo da moda parisiense, mas performado em pleno Centro-Oeste brasileiro. “Era sempre fingir que estava em Paris mesmo, usando vestidos bonitos e maquiagem bonita. Disputei várias vezes, uma vez fiquei em segundo lugar, depois acabei nem me classificando.” (COSTA, 2021).

Em suas iniciativas de criação de espaços possíveis, Costa (2021) pauta a criação de espaços a partir de uma noção de heterotopia (FOUCAULT, 2009, p. 420), ao entender que estes espaços possuem um papel ilusório “que denuncia como mais ilusório qualquer espaço real”. Com isso, entendemos que o improvisado enuncia também uma forma de fazer política e de se comunicar a partir de uma socialidade considerada banal. Ou seja, onde não se tinha espaço, criava-se seus próprios locais de existência.

Na possibilidade de descrever um movimento ainda embrionário do que viria a ser o movimento organizado LGBTI+ em Mato Grosso, Zacarias Costa relata durante a entrevista o que imaginava ao idealizar a Agaymat. Para o jornalista, mesmo sem nenhuma formalização, a Associação tinha por objetivo lutar contra a violência policial, divulgar informações e campanhas sobre o hiv/aids e promover ações culturais.

Fundei a Agaymat junto com o Aloísio, o Bini, o Sérgio, o Tiaguinho, a maioria desses já foi para o andar de cima. Alguns eram funcionários públicos, outros cabeleireiros e outros comerciantes. A gente começou a se organizar para poder trabalhar e ajudar os outros gays que queriam sair do armário e serem felizes. (COSTA, 2021)

Quando observado o relato dado por Zacarias ainda em 1984, no corpo da reportagem "Pelo direito de ser o que se quer", o jornalista descreve sua Associação enquanto um movimento parecido com o modelo de configuração sindical. Já em 2021,

---

diante de um processo de atualização das lembranças, o entrevistado apresenta a Agaymat a partir de uma outra perspectiva de organização.

Talvez tenha sido uma fantasia minha na época, porque o movimento sindical era um movimento mais fortalecido e organizado, justamente porque vêm de representatividades com CNPJ e essas coisas. Já na Agaymat, não. Éramos pessoas físicas, de todos os jeitos e ideologias, era um movimento de pessoas físicas que pensavam no bem de todos. Não passou de um sonho essa comparação. (COSTA, 2021)

Mesmo sem uma caracterização formal, a Agaymat resistiu por aproximadamente uma década, sendo dissolvida diante do surgimento de novas urgências, como o agravamento do quadro da epidemia de HIV e Aids no estado. "Organizada mesmo foram 10 anos, depois passamos a fundar outros movimentos, como por exemplo a Abraço Solidário, que atuava mais na questão do HIV e Aids" (COSTA, 2021)

Direcionar os olhares de pesquisa para a Agaymat é abrir espaço para movimentar o marco temporal da formação de movimentos organizados em território mato-grossense, até então datados pelos estudos de Freire (2014) só a partir da década de 1990.

Em seus escritos, Freire (2014) aponta que durante os anos 1980 existiam expressões de homossexualidade em Cuiabá, identificados a partir da criação de bares e boates frequentados por esta população. A autora afirma ainda que não se pode considerar tais iniciativas como "um embrião e/ou a gênese do Movimento LGBT no estado, uma vez que não havia nelas uma preocupação política no sentido de organizar a população LGBT" (FREIRE, 2014, p. 94).

Na direção contrária ao que defende Freire (2014), o processo de retomada da memória da Agaymat por meio da história oral nos mostra que há de fato a possibilidade de deslocamento deste marco temporal para os anos 1980. Entendendo que mesmo sem um CNPJ, a Associação tomava espaço em um dos principais jornais impressos da época para de forma afirmativa reivindicar uma série de direitos para a população LGBTI+.

Faz-se necessário ainda ponderar que um desses objetivos já citados (ações contra a violência policial) também figuravam as pautas defendidas por outros movimentos que na mesma década possuíam mais força em outras regiões, como é o caso do "Somos: Grupo de Afirmação Homossexual", fundado em meados de 1978, em São Paulo.

## 6. CONSIDERAÇÕES

---

A partir de uma discussão das práticas jornalísticas enquanto meio de armazenamento da história social (CRUZ, 2014), é possível traçar um caminho para a retomada de relatos até então não documentados sobre a população LGBTI+ mato-grossense. Destaca-se ainda a necessidade de uma aproximação sensível aos conceitos de História Oral e Memória para atingir os objetivos de pesquisa já descritos.

Entende-se, portanto, nestas investigações que não há como dissociar a noção de memória do processo de atualização dos relatos a partir da relação do corpo com seu tempo (BERGSON, 1999). Além disso, a memória também se faz presente como elemento fundante da formação das diferentes identidades de grupos e coletivos (HALBWACHS, 1990).

Outra discussão importante suscitada neste trabalho está na relação entre a História Oral e o processo de tomada de espaço na ordem discursiva (FOUCAULT, 1970) que dita o que é e como deve ser registrado enquanto elemento histórico. Para isso, entende-se a História Oral como um uma inversão historiográfica radical capaz de preencher lacunas ainda sem documentos (TREBITSCH, 1994).

Unindo cada um desses conceitos em uma prática de entrevista em profundidade, foi possível traçar novos caminhos sobre a sociabilidade e a movimentação política LGBTI+ ainda na década 1980. Entre heterotopias (FOUCAULT, 1970) e organizações informais, é possível considerar a Agaymat enquanto uma experimentação do que são hoje compreendidos como movimentos organizados em Mato Grosso.

Por fim, há de se pautar a importância política de narrar histórias de uma população colocada à margem de uma narrativa oficial. Para além de um registro acadêmico, este é também um documento de afirmação de que em Mato Grosso há muita história para contar sobre as experiências LGBTI+ locais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rubens de. Uma associação para os Gays de MT. **Jornal do Dia**. Cuiabá. ano 6. n. 2361. 15 nov. 1985. Homossexuais - I. p. 17.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

DESLANDES, Suelly Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília (org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

---

CRUZ, Lucia Santa. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre jornalismo e memória social. In: 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 2014, Rio de Janeiro. **Anais.** Disponível em: <[https://www.academia.edu/8274541/O\\_rep%C3%B3rter\\_como\\_historiador\\_do\\_tempo\\_presente\\_notas\\_sobre\\_a\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_jornalismo\\_e\\_mem%C3%B3ria\\_social](https://www.academia.edu/8274541/O_rep%C3%B3rter_como_historiador_do_tempo_presente_notas_sobre_a_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_jornalismo_e_mem%C3%B3ria_social)>. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. In: DUARTE, J. (org). **Entrevista em profundidade.** 2 Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011. p. 62-67

FREIRE, Suzi. **O Movimento LGBT em Mato Grosso:** Trajetória, agenda e estratégias na luta por direitos. 2014. 181 páginas. Política Social, Estado, Sociedade e Direitos Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Venício Artur de. **Mídia:** Teoria e política. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015. E-book Kindle.

MORAES, Marieta. História Oral. In: TREBITSCH, M. **A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea.** Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994. p. 19-43.

COSTA, Zacarias. Entrevista Individual. In: SALESSE, Marcos. **"Eu, pássaro sobrevivente": Memórias de corpos LGBTI+ em Cuiabá e Várzea Grande nos anos 1980.** Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso. 2021. p. 79 – 89.

SILVA, Alessandro Soares. **Por um Lugar ao Sol:** construindo a memória política da homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). Revista Bagoas. Natal. Volume 01, número 08, pag. 77-102, dez. 2012.

VELOSO, Caetano. **Língua.** Rio de Janeiro: Universal Music International: 1984. Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/l%C3%ADngua/1504694622?i=1504694919>> Acessado em: 19 de jul. 2022.